

Guião de Utilização de Plataformas de Aprendizagem em ambientes escolares

Orientações para a dinamização de
áreas de trabalho com alunos

Título: Guião de Utilização de Plataformas de Aprendizagem em ambientes escolares - Orientações para a dinamização de áreas de trabalho com alunos

Documento produzido no âmbito do Projecto “Utilização educativa de plataformas de aprendizagem” desenvolvido pelo Centro de Competência RTE da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e financiado pela Equipa CRIE/ Direcção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular.

Não editado

Autores: Madalena Santos, Neuza Pedro, Francisca Soares e João Filipe Matos

Lisboa, Julho de 2008

Índice

	Pág.
1. Âmbito e Objectivos	1
2. Aspectos Gerais	2
3. Planificar antes de construir, é preciso!	5
4. Desenhar e organizar o espaço	10
5. Sustentar e dinamizar a comunidade	15
6. Questões finais	21

1.

Âmbitos e Objectivos

Âmbito

Este guião insere-se no âmbito do apoio à utilização das plataformas de aprendizagem (por exemplo, o Moodle) enquanto:

- espaços orientados para o trabalho com os alunos, preferencialmente de uma mesma escola ou agrupamento;
- espaço complementar do trabalho que já é desenvolvido presencialmente.

Prevê-se que as potencialidades da plataforma sejam aproveitadas de forma a:

- ampliar e agilizar a comunicação entre professores e alunos e dos alunos entre si;
- manter disponíveis e acessíveis aos alunos (e aos encarregados de educação) informações e recursos diversos que os ajudem na aprendizagem;
- fomentar um envolvimento individual e colectivo em actividades de enterajuda e de construção partilhada do conhecimento;
- permitir uma gestão autónoma pelos professores envolvidos;
- possibilitar uma adaptação flexível às condições de cada turma ou grupo de alunos e de cada escola/agrupamento.

Objectivos

1. Identificar (e alertar para) aspectos essenciais a considerar no desenvolvimento de espaços em plataformas de aprendizagem orientados para o desenvolvimento de trabalho com alunos de uma escola ou agrupamento, relativos:
 - à sua planificação;
 - ao seu design e organização;
 - à sua dinamização.
2. Fornecer algumas ideias que ajudem na dinamização e desenvolvimento dos referidos espaços de comunicação e trabalho.

Aspectos gerais

A **organização da plataforma** de uma escola/agrupamento deve ser pensada com cuidado e de forma negociada, ou seja, envolvendo-se nessa reflexão vários elementos da escola de modo a que a plataforma tenha um sentido e uma organização claros para os seus utilizadores (professores, alunos, funcionários e até pais e visitantes) mas que, ao mesmo tempo, seja funcional para quem for viver e trabalhar de forma continuada nesse ambiente.

A **criação de espaços** (disciplinas) tem de ser cuidada pensando, por exemplo, nas implicações que decorrem da existência de múltiplos espaços em que os participantes vão precisar de se inscrever e participar. Por exemplo, se forem alunos mais novos a multiplicidade e diversidade de zonas de trabalho pode levar à dispersão, desorientação e a consequentes dificuldades de organização da participação e do acesso a recursos.

É por estas razões que:

- não se deve multiplicar os espaços de trabalho em que cada pessoa vai ter de integrar (corre-se o risco de ampliar a dificuldade de cada um gerir a multiplicidade de espaços de acção);
- as tarefas de dinamização dos vários espaços da plataforma devem ser partilhadas por vários professores (é difícil estar atento a muitos espaços de interacção, o que pode levar a um acompanhamento pobre e menor que o desejável).

A plataforma da escola/agrupamento pode ser particularmente útil para ampliar as possibilidades de interacção e de actividade entre professores e alunos não só no espaço como no tempo.

A **decisão sobre quais os espaços a criar** deve ser pensada com cuidado e em interacção próxima com as pessoas que vão, de facto, dinamizar e viver em cada um dos espaços. Não há vantagem em se abrir áreas de trabalho que não têm, desde logo, alguém responsável pela sua dinamização.

- É fundamental, em particular para os alunos, que seja claro quais os espaços em que existe alguém do “outro lado” que está atento às participações e/ou solicitações de possíveis participantes. Nada é mais desmotivador que tentativas repetidas de interacção não correspondidas por diálogos ou respostas.
- Para um professor que decida e assuma ficar responsável por dinamizar um espaço de trabalho com alunos é recomendável que tenha em conta não só a sua própria disponibilidade e capacidade de resposta a interacções, mas também as condicionantes que se poderão colocar aos potenciais utilizadores desses espaços, nomeadamente, questões de acesso e de mobilização para este tipo de ambientes, bem como os conhecimentos e as experiências previamente existentes.

Por isso, é aconselhável que os professores:

- (i) comecem por explorar as potencialidades destes ambientes de forma gradual e orientada, não apenas no que se refere à diversidade de ferramentas e recursos a usar, mas também quanto à multiplicidade de grupos de alunos com quem as explora e as actividades que vai desenvolver;
- (ii) que dialoguem entre si e se interajudem na definição do que pretendem fazer, da forma do planificar e executar, na partilha das dificuldades que têm e na identificação das estratégias que percebem que vão dando bons resultados.

Para que cada espaço aberto seja vivo, útil e cumpra funções relevantes para todos, isto é, para que responda a necessidades e não seja criador de dificuldades, é fundamental que exista alguém que explicitamente assuma o papel de dinamizador que:

- fique responsável pela sua gestão e garanta a resposta pronta às interações;
- desenvolva acções para manter esse espaço relevante tendo em conta os objectivos previamente definidos;
- esteja atento à sua adequação aos participantes;
- forneça apoio a quem sinta algumas dificuldades e estimule a interajuda entre os participantes.

Que áreas de trabalho com alunos é que podem justificar a existência de espaços de trabalho/comunicação numa plataforma de escola/agrupamento?

Poderá ser útil a existência de espaços (disciplinas, no caso da plataforma Moodle) vocacionados ao trabalho com os alunos, tais como:

Para quem	Para quê	Dinamizado por	notas
Todos os alunos (e encarregados de educação)	Interação e divulgação de questões e informações gerais relativas à vida escolar bem como à temática definida como central para o espaço	Órgãos de Gestão ou Professor(es) associados ao Centro de Recursos ou à Biblioteca escolar ou Professores da equipa de Apoios Educativos ou Orientação Escolar	Podem ser espaços abertos a visitantes. Convém perceber se será mais adequado ter espaços distintos para as diferentes vertentes ou se algumas delas podem ser cobertas por um único espaço.
Alunos de uma mesma turma (para uma só área curricular ou para as várias áreas curriculares)	Divulgação de informações; Desenvolvimento de trabalho em grupo; Caracterização de dúvidas e construção colaborativa de conhecimento; Debate e partilha de ideias; Disponibilização de exercícios para trabalho autónomo e/ou de auto-correcção; Repositório de recursos.	Director de Turma e/ou Professor(es) da turma	Pode ser organizado: - um espaço por cada área curricular (por exemplo, de Português, de Ciências) - um espaço único em que vários professores da turma trabalham com os alunos (com as zonas de cada área claramente definidas ou não).
Alunos envolvidos no desenvolvimento de um projecto	Divulgação de informação relevante; Desenvolvimento das várias etapas do projecto de forma colaborativa; Debate de ideias e experiências; Repositório de recursos relevantes; Disponibilização dos produtos desenvolvidos.	Um ou dois professores do projecto que se sintam mais motivados.	Pode ser um espaço em que a dinamização rode entre os vários professores ao longo do ano, mas onde se pode explorar o envolvimento de alguns dos alunos com o papel de dinamizadores.
Associação de estudantes (no caso de escolas que as possuam)	Divulgação de informações; Partilha de dificuldades e experiências; Organização de actividades; Debate de temas seleccionados; Repositório de recursos; Trabalho conjunto	Alunos definidos pela Associação	Pelos privilégios de administração facultados aos alunos eles entram em contacto com as exigências e responsabilidades de dinamizar estes espaços de interacção à distância. Atenção a questões éticas que podem surgir, relativamente ao controle possibilitado pelos privilégios de acesso do administrador da plataforma a todas as disciplinas.

3.

Planificar antes de construir, é preciso!

Antes de se começar a organizar os espaços da plataforma da escola orientados para o trabalho com alunos é importante reflectir sobre algumas questões e não perder de vista que o foco principal do que se venha a desenvolver é a melhoria das aprendizagens dos alunos e o desenvolvimento das suas competências.

É útil ter presente não só o que se vai fazer a curto prazo, mas ter também uma visão de como se prevê que se vai trabalhar ao longo de todo o ano lectivo. Muitas coisas podem ser preparadas e colocadas antecipadamente na plataforma, mas mantidas invisíveis para os alunos. A sua visibilidade pode ir sendo decidida ao longo do ano e à medida que os recursos ou as actividades se vão revelando como necessários.

Sugerimos algumas questões para ajudar a reflectir e a planificar o que se vai fazer:

3.1. Para quem e para quê

A quem se dirige este espaço?

A que necessidades se procura responder?

Que aprendizagens se pretender promover e facilitar?

Que tipo de familiaridade têm os alunos com ambientes deste tipo?

Que dificuldades revelam e/ou se antecipam?

É útil pensar, por exemplo, sobre:

- que formato (tópicos, social, semanal) é mais conveniente e relevante;
- que tipo de informações/ajudas é preciso introduzir e com que visibilidade;
- que blocos laterais serão pertinentes (calendário, utilizadores em linha, mensagens...);
- que tipo de recursos e de actividades será relevante disponibilizar de início e quais os que será necessário ir acrescentando;
- qual a melhor forma de disponibilizar e organizar os recursos e as actividades (por temas, por momentos do ano lectivo, associados a actividades presenciais...);
- que tipo de arranjo gráfico será mais adequado e apelativo sem se tornar um elemento de perturbação supérfluo;
- que tipo de linguagem será mais apropriado (vai ser um espaço só acessível a um conjunto restrito dos alunos e ao seu professor, ou vai ser aberto a visitantes ou a outros professores...).

3.2. A dinamização dos espaço

Quem vai assumir as responsabilidades de dinamizador?
Que tempo se está disposto a investir para concretizar essa dinamização?
Que apoio é que é possível encontrar na escola/agrupamento para resolver as dificuldades que podem surgir?

É útil pensar, por exemplo, sobre:

- a possibilidade da dinamização do espaço ser partilhada entre dois ou mais professores (que vantagens, que dificuldades, como as ultrapassar,...):
 - * como irão partilhar essa responsabilidade (por períodos de tempo alternados, por tópicos ou temáticas...);
 - * como irão dialogar sobre a gestão do espaço.
Pode ser útil criar um fórum que fique acessível só aos dinamizadores, onde os mesmos possam dialogar e tomar decisões sobre questões relativas à dinamização do espaço.
- no caso de a dinamização de um espaço ser assumida por um único professor, revela-se importante ponderar sobre a quantidade de disciplinas a abrir e conseqüentemente, a gerir, e que âmbito de utilização promover em cada uma delas):
 - * com que professores (na escola) é possível dialogar sobre as questões que surjam;
 - * como equacionar com realismo (mas também alguma ambição) o que promover de actividades na plataforma com os alunos em relação ao tempo que se prevê ter disponível para investir nessa vertente de trabalho.

3.3. O papel dos potenciais utilizadores

Que papel se pretende promover nos alunos (participação, intervenção, consumo...)?

Que dinâmica se pretende promover com e entre os alunos?

Que aspectos de controle e avaliação serão aconselháveis?

Que tipo de acessibilidade será mais aconselhável?

É útil pensar, por exemplo, sobre:

- que acessibilidade permitir ao espaço (atribuir palavra-chave ou deixá-lo aberto a visitantes);
- como vai ser apresentado o espaço aos seus utilizadores preferenciais (alunos, encarregados de educação...);
- como é que eles se irão inscrever (autonomamente ou pelo professor, de forma presencial com apoio do professor ou totalmente a distância...);
- como vão ser mobilizados e sensibilizados para a participação;
- como vão ser apoiados aqueles que estão menos familiarizados com este tipo de ambientes;
- como vão ser configuradas as actividades (com maior ou menor possibilidade de intervenção dos participantes);
- como e quando recolher a opinião dos utilizadores quanto à estrutura, organização, conteúdo da disciplina (de forma impressionista, num questionário online em momentos específicos, num fórum próprio...).

3.4. A interacção com outros espaços virtuais na escola

Que outros espaços virtuais da escola já existem (sítios, blogues, outras plataformas...)?

Que hábitos de trabalho já existem relativamente a cada um deles?

Que funções lhe são atribuídas e cumprem, de facto?

Qual o papel mais relevante que o espaço da plataforma poderá ter?

É útil pensar, por exemplo, sobre:

- como é que o espaço de trabalho que se está a criar se relaciona ou deve relacionar com outros espaços já existentes?
- que papel deverá ter cada um deles?

É natural que já existam, por exemplo, sítios ou blogues da escola, agrupamento, ou até de turmas e/ou projectos.

É importante não duplicar funções, nem dispersar espaços de interacção que na verdade acabem por assumir os mesmos fins. As pessoas poderão deixar “morrer” algum deles, o que pode ser entendido como não desejável ou, ainda, pode revelar-se muito difícil mobilizar as pessoas para passarem a viver em novos espaços, o que exige sempre a aquisição e desenvolvimento de novos hábitos.

Se alguns dos recursos já estão disponíveis num desses espaços, pode não ser necessário, nem útil duplicá-los na plataforma. Mas pode ser bom estabelecer uma ligação para onde eles existem, por forma a facilitar não só a consulta, mas também o acesso rápido a qualquer um deles. Desta forma, o espaço da plataforma pode ter o papel importante de ajudar a organizar a participação nos vários espaços virtuais em que se desenvolve o trabalho escolar entre alunos e professores.

3.5. A relação dos espaços on-line com as actividades presenciais associadas à identidade da disciplina

Que dinâmicas já existem entre os potenciais utilizadores?
Que aspectos serão mais bem resolvidos com recurso à plataforma?
Como é que a plataforma pode estender e melhorar o que já se vive presencialmente?

É útil pensar, por exemplo, sobre:

- que tipo de recursos são mais pertinentes?
- que tipos de actividades fazem falta?
- que secções será útil existir?

Por exemplo, num **espaço de Biblioteca ou Centro de Recursos** pode ser útil colocar um conjunto de ligações para espaços (não escolares) de divulgação de obras literárias, de visitas virtuais a museus ou cidades, mas também de actividades ou até de jogos relacionados com as várias áreas curriculares. Mas também se podem abrir fóruns de debate que prolonguem no tempo ou que sirvam de sensibilização para actividades que irão acontecer ao vivo na escola (a visita de um escritor ou de um desportista, a leitura de livros ou o visionamento de filmes que sejam agendados periodicamente).

Mas num **espaço de trabalho de um professor com os seus alunos** de uma dada turma já poderá fazer sentido prever que os recursos a disponibilizar tenham uma relação mais explícita com determinados temas curriculares que o professor considera que podem ser úteis para uma dada aula. Esses recursos podem ser só propostos para consulta dos alunos, mas também podem ser a base de uma actividade que o professor pretenda promover com utilização de alguma das ferramentas da plataforma (por exemplo, um wiki para os alunos escreverem algo de forma colectiva, ou um glossário em que estejam a trabalhar colectivamente sobre os termos de uma dada temática, ou um fórum para a construção de uma história colaborativa ou para a discussão conjunta de um poema ou de um texto literário).

4.

Desenhar e organizar o espaço

As questões de **design e de organização** colocam-se desde o início, mas não ficam resolvidas de forma definitiva. As plataformas, em geral, permitem uma grande flexibilidade de organização e possibilitam um fácil ajuste às necessidades que vão decorrendo da evolução de cada espaço.

Se é importante pensar o design logo de início, também é fundamental estar atento à evolução das condições ao longo do ano lectivo. As necessidades alteram-se, o que justifica que se proceda, de tempos a tempos, a alguns ajustes na estrutura inicialmente definida.

É importante que o dinamizador esteja atento e mantenha uma atitude constante de análise e reflexão sobre a forma como esse espaço está a ser utilizado, ouvindo as opiniões de quem o utiliza e para quem foi criado. No entanto, em espaços orientados para o uso dos alunos deve ter-se em atenção a necessidade de criar rotinas, estabelecer novos hábitos e padrões de comunicação e de promover alguma familiaridade com os ambientes de trabalho.

Um outro aspecto fundamental a ter em conta é que este tipo de espaços tem valências e ferramentas especialmente vocacionadas para a **participação activa dos seus utilizadores**, para fomentar a aprendizagem que decorre da acção reflectida, que se alicerça na interacção e debate desenvolvidos entre pares (os colegas), tanto quanto com os parceiros mais experientes e conhecedores (os professores).

A tendência inicial dos professores que começam a explorar este tipo de ambientes com os seus alunos é a de construir espaços que têm características mais próximas de repositórios de recursos, ou seja, mais semelhante à estrutura e finalidade de um sítio.

Esta tendência é compreensível e não se nega a utilidade que a disponibilização de recursos, como sejam fichas de trabalho ou orientações para os TPC, assume, mas deve fazer-se o esforço de se caminhar desde muito cedo para tirar partido das outras valências que permitem a intervenção activa, o espírito crítico, a colaboração e a construção partilhada do conhecimento pelos utilizadores.

4.1. Começar pequeno para tornar grande...

No início da criação de um espaço numa plataforma não é necessário (nem será muito útil) ter uma grande quantidade de conteúdos ou de actividades totalmente definidas para os participantes.

Poderão ser boas estratégias:

- Começar por um espaço simples que vai sendo completado a pouco e pouco ao longo do ano lectivo, e na proporção do envolvimento, interesse e à-vontade espelhados nas interacções dos participantes.
Uma grande profusão de informação, recursos e actividades num momento inicial poderá confundir e desorientar os participantes, não contribuindo, desta forma, para a sua apropriação do espaço e para uma participação activa.
- Iniciar de forma focalizada e estruturada, mas com uma organização transparente para que seja fácil a navegação no espaço.
Não é aconselhável a existência de várias barreiras até que se chegue, de facto, aos recursos que se procuram. Por exemplo, de início ou com alunos mais pequenos pode não ser uma boa estratégia ter os recursos organizados em Base de dados ou em Glossário. Estas formas de organização de recursos, bastante útil quando os mesmos se multiplicam, poderão ser implementadas quando os alunos já estão à vontade no ambiente ou já passaram pela experiência de contribuírem para a construção de um glossário ou de uma base de dados.
- Começar por disponibilizar actividades mais simples, que apelem ao diálogo, à interacção e ao contributo de todos (os fóruns são importantes). Desta forma, os utilizadores habituem-se gradualmente ao ambiente e a participar nele.

4.2. Organizar visando a relevância para a aprendizagem

A aprendizagem dos alunos está intimamente ligada com o grau de envolvimento com que se mobilizam para as actividades que lhes são propostas. Estas devem ser aliciantes não só pela sua novidade, mas especialmente pelo carácter desafiador que apresentam, ou seja, por aquilo que os estimula a ir mais além do que lhes é pedido habitualmente.

Por isso, é muito importante que, na organização de espaços de trabalho em plataformas orientados para os alunos, se tenha uma noção razoável:

- (i) das potencialidades desse tipo de ambientes e das ferramentas neles existentes para a melhoria das aprendizagens dos alunos;
- (ii) da importância da participação regular dos alunos para que essas potencialidades se traduzam em melhorias efectivas das suas aprendizagens;
- (iii) do papel importante da estruturação do espaço para a facilitação, por um lado, da apropriação rápida e fácil por parte dos seus utilizadores e, por outro lado, da gestão das interacções que desejavelmente serão frequentes e devem receber alguma reacção em tempo útil (aspecto tanto mais sensível quanto mais novos forem os alunos ou habitualmente menos envolvidos na aprendizagem);
- (iv) dos interesses dos alunos ligando os mesmos às unidades curriculares e às actividades propostas.

Em relação a estas preocupações poderá ser aconselhável:

- Disponibilizar **actividades** que permitam aos alunos:
 - (i) ter voz
(abrindo fóruns, por exemplo, de “dúvidas e esclarecimentos”, ou de debates sobre “temas que nos interessam”; colocando referendos de vez em quando sobre um tema que pretenda vir a discutir em alguma aula);
 - (ii) intervir activamente na construção do conteúdo do espaço
(por exemplo, criando wikis para a escrita colaborativa ou para a elaboração de relatórios ou trabalhos de grupo, ou ainda propor o desenvolvimento colaborativo de um Glossário temático em que os alunos possam colocar itens e comentar os já colocados).

- Tirar partido (quando o dinamizador se sentir à vontade na gestão do ambiente) da possibilidade de:
 - (i) ter **Grupos** de alunos, de uma mesma turma, com espaços específicos de trabalho.
Para isso, no Moodle, necessita de escolher a opção Grupos e definir quais os membros de cada um dos grupos.
 - (ii) ter uma **Metadisciplina** onde se concentrem recursos e até algumas actividades como jogos ou desafios, a que os alunos de várias turmas podem aceder. Esta possibilidade é particularmente útil, por exemplo, no caso de um professor trabalhar, na plataforma, com várias turmas do mesmo ano de escolaridade. Mas também pode ser relevante criar uma metadisciplina de Recursos para uma dada área curricular que seja gerida e alimentada por um conjunto de professores dessa área. Neste caso, as disciplinas que correspondam a turmas da escola poderiam ser definidas como ‘disciplinas filhas’ (denominação adoptada no Moodle).
- Alterar ou re-organizar o espaço quando se sente que a estrutura original já não responde ao que vai emergindo. Por exemplo, de início e para participantes pouco familiarizados com a plataforma, pode ser útil colocar os recursos com acesso directo; ao fim de algum tempo, se o número de recursos começa a ser muito elevado pode ser útil organizá-los em Glossário ou numa Base de dados. Deve-se, no entanto, ter cuidado para que essa reorganização não seja feita de forma precipitada e/ou com exagerada frequência (em especial, se os participantes são muito novos ou pouco experientes neste tipo de ambientes).

4.3. Identificar as secções de forma clara

É fundamental que o modo de organização de um espaço de trabalho (uma disciplina, no caso do Moodle) seja facilmente compreensível para quem o vai usar e que seja também possível reconhecer rapidamente o que se pode fazer e onde isso pode ser feito.

Por isso, é importante:

- Assinalar o que são zonas de interacção (os fóruns, chats,...), de construção conjunta (os wikis, glossários de construção colectiva...), de divulgação e partilha de recursos (o Centro de Recursos da disciplina) ou de recolha de informação/avaliação (referendos, questionários...);
- Usar formas visuais que ajudem à identificação de cada zona do espaço. Isso pode fazer-se (no Moodle) de diversos modos:
 - (i) com títulos e ilustrações, assim como colocando explicações curtas na Introdução de cada tópico;
 - (ii) com a colocação de Etiquetas (um dos Recursos disponíveis) que separam zonas dentro de um mesmo tópico e as identificam.

4.4. Identificar os recursos/actividades de forma clara

Ao introduzir recursos/actividades na plataforma é importante que eles fiquem identificados de forma clara e com elementos que ajudem os participantes a reconhecer rapidamente de que se trata e qual a sua função.

Há dois aspectos que facilitam essa identificação:

- o **nome** que lhes é atribuído
O nome a adoptar deve ser claro, curto e simples. Mas pode ser útil associar-lhe alguns elementos que permitam perceber as características do ficheiro/ligação em causa. Pode adoptar-se, por exemplo, algo do tipo “**título**” + **PDF** + **130Kb** ou “**título**” + **JAVA**. Desta forma, mesmo antes de abrir o recurso, é dada alguma informação em relação ao tipo de condições necessárias para o visualizar.
- o **sumário** que lhe fica associado
Há duas formas de aceder aos recursos e às actividades que estão no Moodle - acedendo à ligação que surge no corpo central da disciplina ou através das ligações para os Recursos e Actividades que existem num dos blocos laterais. Esta última forma dá acesso à listagem do conjunto de recursos e de actividades disponíveis na disciplina onde, para cada um, é indicado o Nome e o Sumário. É por essa razão que se deve escrever o sumário sempre que se adicionar um recurso ou uma actividade numa disciplina. Torna-se, assim, mais fácil a pesquisa do que se procura, em especial, se já existe uma listagem bastante grande ou se existem recursos/actividades com nomes muito semelhantes.

5.

Sustentar e dinamizar a comunidade

Para que uma disciplina (no caso do Moodle) ou um espaço de uma plataforma seja útil para a comunicação e o trabalho com os alunos é fundamental que se tenham alguns cuidados com a sua dinamização.

Ela será tanto mais vivida de forma produtiva quanto ela:

- permitir facilitar o dia-a-dia de quem a usa,
- ampliar as possibilidades de diálogo e apoio aos alunos,
- possibilitar uma maior diversificação de formas de trabalhar e aprender que permita uma melhor adequação às características da diversidade dos alunos,
- não se revelar como mais um peso desnecessário nesse quotidiano.

Assim, para lá das preocupações com a sua estrutura, as actividades que se propõem e os conteúdos que se disponibilizam, é fundamental que um ou dois professores assumam uma presença forte na dinamização desse espaço, pelo menos durante uma fase inicial.

Um espaço que seja orientado para um público muito amplo (como será o caso de uma disciplina onde todos os alunos da escola/agrupamento estão inscritos, ou aberta a visitantes) necessita de uma dinamização diferente de um outro onde o grupo de participantes está focado num domínio mais específico e que pressupõe uma co-presença continuada e inserida numa estrutura de ensino (por exemplo, os alunos de uma dada turma e respectivo professor, ou alunos e professor que desenvolvem um dado projecto). Mas, em qualquer dos casos é necessário dar uma atenção cuidada à sustentação desse espaço, ou seja, à vida que aí se vai desenrolar e às interações que nele venham a ocorrer.

Embora os participantes também sejam responsáveis pela vida e dinâmica de um espaço social (como é uma disciplina numa plataforma) a noção e a evolução plenas dessa responsabilidade partilhada têm de ser cultivadas e aprendidas. Isto é especialmente verdade quando as pessoas não se encontram familiarizadas com os ambientes sociais a distância e ainda não estão instalados hábitos de trabalho nesses meios. Nestes casos trata-se de uma aprendizagem que não é imediata e que tem de ser desejada, possibilitada e acarinhada. Da mesma forma, desenvolver as competências de dinamizar espaços de trabalho e comunicação deste tipo é algo que também não se consegue sem tempo, sem esforço e sem intencionalidade.

5.1. Questões de acesso

Será que os potenciais participantes podem aceder com facilidade e frequência à Internet?

Será que são utilizadores regulares do correio electrónico?

Quais as dificuldades que os participantes poderão ter na actuação nestes ambientes?

Em relação a estas preocupações poderá ser aconselhável:

- Prever e organizar formas de apoio presencial aos que se sentem menos à vontade, apelando ao contributo dos participantes mais experientes (por exemplo, discutindo essas formas e dando algumas dicas numa das primeiras reuniões em que apresente o espaço,...).
- Diversificar as actividades e estratégias ajustando-as a graus crescentes de dificuldade para se tornar possível a qualquer participante encontrar forma de intervir e de se adaptar gradualmente ao espaço.
- Disponibilizar, na disciplina,
 - (i) um ou 2 pequenos guiões de como actuar (já existem vários em português;
 - (ii) um fórum de dúvidas, apelando ao apoio activo dos participantes mais experientes (alunos ou encarregados de educação) nesse fórum.
- Utilizar (e ensinar a usar) as mensagens privadas, em particular quando se percebe que há alunos/participantes que se sentem pouco confortáveis a colocar dúvidas num espaço colectivo. No entanto, se é previsível que a dúvida colocada em privado seja sentida por outros participantes, será útil o dinamizador optar por a clarificar no fórum de dúvidas. Desta forma, todos ficam com acesso à explicação e não terá de a repetir mais vezes.
- Utilizar o fórum das Notícias para assinalar qualquer alteração do espaço (um recurso que se adicionou, uma actividade nova que se abriu,...). É também útil configurar os restantes fóruns para que os participantes recebam a divulgação das interacções que aí acontecem, pois só são distribuídas para os mails dos participantes as interacções que ocorrem nos fóruns e (no caso do Moodle) só o Fórum das Notícias é configurado, por defeito, para abranger todos os participantes.

5.2. Como interagir a distância

A interacção nos espaços sociais de plataformas apresenta questões específicas que a distinguem tanto da forma de diálogo por mail (em geral, diálogo entre 2 pessoas e com um carácter restrito e local) como do modo presencial de interacção e trabalho em grupo. Por exemplo:

- (i) o que se coloca nos fóruns fica disponível, podendo voltar a ser lido noutros momentos, por vezes, já desligado do contexto inicial;
- (ii) a forma escrita e não presencial de interacção não permite ter acesso aos sinais visuais e emocionais a que estamos habituados a recorrer para perceber como é que a nossa actuação está a ser recebida por aqueles com que interagimos.

Em relação a estas preocupações poderá ser aconselhável:

- Dar atenção aos aspectos de cortesia e de ética na interacção nestes meios de comunicação que são públicos (pelo menos entre os participantes dos espaços); Este site sobre Net etiqueta pode ser uma boa sugestão para consulta <http://www.albion.com/netiquette/corerules.html>.
- Encorajar os participantes e, em particular os alunos, a terem consciência dos problemas de segurança que se colocam ao actuar em ambientes na Net ajudando-os a adquirir hábitos de boa conduta. Há sites em português que se dedicam a estes tópicos e alguns até dirigidos aos jovens, como por exemplo, Seguranet (<http://www.seguranet.pt>) e Miúdos Seguros na Net (<http://www.MiudosSegurosNa.Net>)
- Cultivar um modo positivo de debater as questões, mesmo as mais polémicas. Para isso, o dinamizador tem de estar atento (i) ao colocar as suas intervenções (que devem ser abertas e convidativas ao debate) e (ii) à possível necessidade de intervir num debate que esteja a ocorrer entre os participantes (tendo sempre o cuidado de não intervir cedo demais, pois pode correr o risco de “matar” a iniciativa dos participantes).
- Encorajar os alunos a pensarem antes de escreverem os posts nos fóruns. Muitos jovens já têm hábitos fortes de interacção online com os amigos o que os pode levar a adoptar, de início, o mesmo tipo de comportamento nos fóruns. Mas a mudança desses hábitos ocorre com a experiência, ao longo do tempo e com estratégias que visem essa mesma mudança. Por exemplo, podem ser adoptados momentos de diálogo e de debate presenciais com base em algumas das discussões que tenham ocorrido nos fóruns. Mas essa relação entre as actividades presenciais e as discussões online deve ser gerida de forma cuidada, não se substituindo nem sobrepondo umas às outras. Os debates nos fóruns podem anteceder ou continuar os que ocorrem ao vivo, mas é importante que a relevância das discussões nos fóruns se mantenha.

- Estar atento ao modo como decorrem as discussões nos fóruns
A recorrência num fórum de assuntos a ser debatidos fora da temática que o orienta é sinal, em geral, de que é necessário (i) alterar o foco desse fórum ou abrir um outro fórum, ou (ii) re-direccionar as intervenções de algumas participações para outros fóruns (ou tópicos de discussão).
- Encorajar os alunos a utilizarem expressões claras e elucidativas nas linhas de resumo das suas intervenções nos fóruns em que participam.
Cada vez que se participa num fórum, deve ser colocada uma linha de resumo (tal como acontece nos mails) que pretende sinalizar, de forma breve, o conteúdo da mensagem (no caso do Moodle, por exemplo, é a linha de Assuntos). Quando se responde a uma linha de discussão, pode ser útil acrescentar ou alterar a linha de Assunto que já vem por defeito, de forma a torná-la mais transparente relativamente ao conteúdo dessa mensagem. Vai ajudar quando alguém pretende encontrar uma informação específica numa dada sequência de mensagens. Numa discussão em que 20 entradas estão intituladas da mesma forma (por exemplo, “acerca do caso X”) torna-se difícil encontrar uma informação que procuramos sem ter de abrir todas as mensagens.

5.3. Sustentar a relevância

A vida de um espaço social (como é o caso de uma disciplina Moodle) depende, em grande parte, da participação e das interações dos seus utilizadores, da dinâmica que se consegue implementar e da capacidade de responder às necessidades dos seus potenciais utilizadores.

Em relação a estas preocupações poderá ser aconselhável:

- Disponibilizar/implementar espaços informais (na plataforma e presencialmente) de diálogo entre os utilizadores (fóruns informais, chats,...), os quais assumam como propósito o estabelecimento de proximidade e à vontade entre os utilizadores, ajudando a contribuir para o sentido de pertença à comunidade.
- Encorajar a manifestação por parte dos utilizadores (alunos e/ou encarregados de educação) da sua opinião quanto à relevância e utilidade do que existe na disciplina, assim como apelar ao envio de sugestões sobre recursos e/ou actividades a promover.

Pode ter-se essa percepção através de:

- questionários ou referendos colocados online (mas não se deve exagerar na frequência dessas consultas);
- da análise do que é ‘conversado’ nos fóruns, ou dos relatórios da actividade da disciplina (que permite perceber os espaços que podem já não fazer sentido e quais os mais frequentemente visitados);
- do que seja sugerido nos contactos presenciais com os utilizadores que decorrem no quotidiano escolar.

- Identificar, no trabalho desenvolvido presencialmente, situações e questões para as quais alguma das ferramentas disponíveis na plataforma pode ser útil e imaginar formas de a utilizar que simplifiquem ou melhorem essas situações ou que rentabilizem os esforços.

Por exemplo, pode-se organizar um fórum (ou até um Glossário) para os alunos partilharem links ou outros recursos (livros, vídeos, músicas,...) sobre uma temática que pretende que os alunos estudem. Pode pedir-se aos alunos que coloquem um conjunto de informações associadas a cada um desses recursos partilhados como, por exemplo, o nome do recurso, o organismo que o publica, um curto resumo, os aspectos positivos que os levam a sugerir-lo... Desta forma, estará a promover-se nos alunos um espírito crítico sobre os recursos e um olhar focado na temática em causa.

- Evitar ter uma presença muito forte nos fóruns e, em particular, naqueles que visam o debate de ideias entre os alunos. É importante orientá-los na discussão mas deve ter-se o cuidado de não a dominar. A mais valia deste tipo de actividade é a de dar oportunidade aos alunos de desenvolverem
 - (i) a apetência pela explicitação e debate de ideias;
 - (ii) a capacidade de argumentar de forma construtiva;
 - (iii) o interesse em aprofundar as temáticas e a reflexão.

Nesse sentido, as intervenções frequentes de um professor num fórum para, por exemplo, corrigir erros gramaticais, podem levar ao constrangimento da intervenção dos alunos e impedir o desenvolvimento dessas capacidades. Pode ser proposta uma outra actividade como complemento e conclusão do debate no fórum, na qual os alunos já sintam como pertinente uma atenção cuidada na forma da escrita. Por exemplo, pedindo que elaborem num wiki (ou numa apresentação em *PowerPoint*) as ideias fortes e organizadoras do debate em que participaram.

- Não deixar “morrer” a participação dos utilizadores:
 - (i) tomando a iniciativa de tempos a tempos (mas de forma não exagerada) de colocar notícias ou ideias que vão ao encontro dos interesses dos participantes;
 - (ii) respondendo a intervenções que ainda não receberam nenhuma reacção. No entanto, deve ter-se o cuidado de dar espaço a que surjam iniciativas dos outros participantes. O espírito de colaboração entre os participantes decorre de se ir desenvolvendo uma responsabilidade partilhada de forma horizontal entre os participantes.

5.4. Dar visibilidade a aspectos organizacionais

Um espaço de trabalho em plataformas está imbuído de aspectos organizacionais e de gestão de que os seus participantes devem ter conhecimento (com particular pertinência quando se pretende utilizá-lo como espaço de trabalho e de aprendizagem colaborativos).

A organização do espaço deve ser o mais transparente possível para permitir uma vivência colectiva e colaborativa. Mas também deve dar indicações aos participantes que os ajudem não só a construir um sentido de comunidade que se reconhece com propósitos conjuntos, mas que também possibilita espaços de acção menos públicos.

Em relação a estas preocupações poderá ser aconselhável:

- Negociar com os potenciais utilizadores (de preferência numa sessão presencial) os objectivos do espaço de trabalho e os princípios com que vão viver nele.
- Mostrar aos participantes (numa das sessões presenciais iniciais) o tipo de informação sobre a utilização da disciplina a que os dinamizadores têm acesso, explicando as vantagens dessa informação num sentido que seja positivo e não apenas de controle; deve ser dada atenção às questões éticas que se podem levantar e aos melindres que podem estar associados às ideias de "vigilância" e de avaliação. Estas questões podem deturpar ou retrair relações de partilha e de trabalho colaborativo ainda embrionárias, em particular, na interacção entre professor e alunos que é sempre muito marcada pela ideia de avaliação.
- Disponibilizar blocos laterais tais como:
 - (i) a descrição da disciplina (ajuda a manter presente os objectivos da disciplina);
 - (ii) um calendário (mantendo-o actualizado com as datas importantes para o grupo);
 - (iii) o espaço de mensagens (explicando como usar as mensagens privadas);
 - (iv) os utilizadores activos (a visibilidade da presença, no momento, de quem está online ajuda a manter o sentido de grupo);
 - (v) alguma lista de RSS remota (para um sítio de interesse dos utilizadores).
- Criar actividades ou colocar recursos que estejam de acordo com os princípios divulgados como sendo os da disciplina. Por exemplo, se se visa essencialmente a comunicação devem existir fóruns...; se for desejável promover a partilha e a construção conjunta, os fóruns devem permitir que os participantes iniciem tópicos; se há necessidade de tirar dúvidas aos alunos, num período de tempo específico (na véspera de um teste) pode ter-se um chat aberto durante um espaço de tempo, por exemplo, 2 horas.

6.

Algumas questões finais em jeito de resumo...

6.1. Sobre os dinamizadores - que papel e perfil?

O papel de dinamizador de uma disciplina numa plataforma (por exemplo, no Moodle) ou de um espaço de trabalho social a distância é fundamental e exige novas competências, muitas delas distintas das que a maioria dos professores construiu ao longo da sua vida profissional. Isso não significa que não se deva avançar para a exploração destes ambientes de trabalho, em particular com os alunos. As novas competências serão construídas e desenvolvidas com a experiência e com a reflexão que se faça sobre essa mesma experiência.

Essa reflexão deve ser feita, de preferência, com outros colegas com quem se partilhe e debata ideias, dificuldades e experiências.

Algumas questões que podem ajudar na reflexão sobre o papel de dinamizadores de um espaço orientado para o desenvolvimento de trabalho com alunos:

- que papéis vai ser necessário desempenhar?
(mobilizador, moderador, divulgador, atento, avaliador, com iniciativa qb...);
- como vão funcionar os potenciais dinamizadores?
(uma pessoa por cada espaço de trabalho ou em parcerias, como partilhar esse papel...);
- que necessidades vão ter?
(tempo, ajuda, partilha de ideias e problemas...);
- que capacidades são necessárias, ou seja, quais as que já possuem à partida ou quais as que estão disponíveis para desenvolver?
(por exemplo: de organização mas com flexibilidade; de empenho sistemático; de iniciativa; de aprender à medida que vai sendo necessário; de partilha de responsabilidades com os participantes; de atenção ao que se está a passar, mas evitando uma actuação demasiado avaliativa - ver os relatórios para ir percebendo como é que está a ser vivido pelos participantes; ter uma actuação cautelosa mas mobilizadora, que vá ao encontro das necessidades que vão sentindo mas tentando puxar um pouco mais além do que já é hábito - além, claro, de algum sentido de humor e espírito positivo).

6.2. Sobre a plataforma/disciplina

A plataforma de uma escola/agrupamento com cada um dos seus espaços sociais a distância (disciplinas, no caso do Moodle) ampliam as possibilidades de interacção, comunicação e de actividade que habitualmente fazem parte do quotidiano das escolas. No entanto, têm um âmbito de acção diferente e características específicas que colocam, em geral, questões novas aos seus utilizadores.

Por isso é importante reflectir sobre essas questões e debatê-las explicitamente e em diversos momentos com os utilizadores (os actuais e os potenciais) desses espaços.

Por exemplo:

- que papel se pensa que a plataforma/disciplina pode ter para os alunos da escola/agrupamento e para os seus encarregados de educação? (meio de comunicação, divulgador, repositório, facilitador de partilhas, meio de dar visibilidade a esforços colectivos, ...);
- que questões de natureza ética e relacional se podem colocar? (exposição pública de imagens/opiniões/dados pessoais; autoria do que é produzido; delicadeza na interacção. Como é um espaço de comunicação e de construção deverá contribuir para fomentar a abertura a ideias diferentes e ao debate construtivo, não devendo ser um espaço de crítica destrutiva que fica pública e passível de ser revisitada fora do contexto e do momento).

As plataformas de aprendizagem, além de serem consideradas fáceis de utilizar e úteis/vantajosas para o apoio ao trabalho desenvolvido entre professores instituíram-se como uma realidade na grande maioria das escolas básicas e secundárias portuguesas, sendo cada vez mais frequente a vontade expressa por professores e alunos em ter disponíveis espaços de trabalho em plataformas.

As questões, sugestões e chamadas de atenção anteriormente apresentadas visam sobretudo orientar o processo de abertura, estruturação, organização, desenvolvimento e dinamização de espaços de trabalho e de colaboração para professores, preferencialmente de uma mesma escola ou agrupamento. Desta forma, pretende-se alertar os professores para algumas preocupações que poderão surgir, servindo de igual modo para acautelar algumas dificuldades que, por vezes, surgem aliadas a estes percursos.

Embora a construção deste guião tenha uma autoria, de facto, ele não seria possível sem:

- o apoio das nossas colegas Teresa Silva e Teresa Faria
- os professores das escolas com quem a equipa do Centro de Competência RTE da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa tem desenvolvido trabalho no âmbito da implementação de plataformas Moodle das suas escolas/agrupamentos.

A todos eles o nosso agradecimento.